

## ESPIRITUALIDADE E VALORES FRANCISCANOS: CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO

FRANCISCAN SPIRITUALITY AND VALUES:  
CONTRIBUTIONS TO EDUCATION

IRANÍ RUPOLO\*

### RESUMO

O pensamento franciscano, presente em diferentes culturas e países, é também a escolha referencial para o projeto educativo franciscano. Essa escolha se justifica por sua concepção humanista e por gerar expectativa e possibilidade de realização e desenvolvimento humano. Para refletir sobre as inter-relações entre os valores baseados no pensamento e nas ações de Francisco de Assis e a educação, desenvolvem-se algumas considerações sobre os referenciais que identificam o pensamento franciscano e inspiram a compreender a condição humana e o sentido da vida: fraternidade, saber, trabalho, pobreza/partilha, paz, justiça, esperança, alegria. Conclui-se que a vivência espiritual dos valores franciscanos torna-se fundamento para a plenitude do processo educacional, considerando-se a integridade da pessoa humana.

**Palavras-chave:** Fundamentos franciscanos; Educação e espiritualidade franciscanas.

### ABSTRACT

*The Franciscan thought, present in different cultures and countries, is also the referential choice for the Franciscan educational project. This choice is justified by its humanistic conception and for generating expectation and the possibility of achievement and human development. In order to discuss the interrelationships between the values based on the thinking and actions of Francis of Assisi and education, some considerations about the references that identify the Franciscan thought and inspire the understanding of the human condition and the meaning of life are developed: fraternity, knowledge, work, poverty/sharing, peace, justice, hope, and joy. We conclude that the spiritual living of the Franciscan values become the fundament for the fulfillment of the educational process, considering the integrity of the human person.*

**Keywords:** Franciscan fundaments; Franciscan education and spirituality.

---

\* Mestre em Educação. Reitora do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA).

## INTRODUÇÃO

O pensamento franciscano tem sua origem em Francisco de Assis. Fundamenta-se e deve ser compreendido na fé e na espiritualidade cristã. Acredita-se que a busca de sentido para a existência humana tem relação fundamental com a crença em Deus e encontra substrato no pensamento franciscano. O sentido existencial da condição humana está vinculado ao tempo, busca compreender-se no tempo e estabelece significados além do tempo. É problema filosófico e existencial. Portanto, nessa visão, a partir da fé e da espiritualidade, as concepções de pessoa e de mundo constituem referenciais básicos de inspiração e de orientação para o valor essencial da vida e da existência.

Francisco de Assis (1182-1226), seguidor do Evangelho - por Evangelho entende-se Jesus Cristo -, sob a inspiração e iluminação da Palavra de Deus, relacionou-se com Deus como criador e pai. Dedicou-se ao conhecimento do Evangelho e traçou metas para sua vida, tendo como referência o ensinamento e a vida de Jesus Cristo. Realizou um processo de aprendizado e, na relação com as pessoas, formou sua experiência e desenvolveu-se como pessoa de grande sabedoria. Diante do ensinamento do Evangelho, situou-se como aprendiz. Deparou-se com problemas de relações interpessoais, sociais, de trabalho e políticas, entre outras. Isso o levou a decidir e optar por uma forma de vida fundamentada em valores em desacordo com os costumes vigentes. Sua forma de vida inspirou muitos e repercutiu em mudanças para a sociedade, em vista do bem e da justiça.

Compreendeu Deus como origem criadora que inter-relaciona, ontologicamente, os seres

existentes. Para ele, toda criação vive a partir da mesma origem. O poema “Cântico do Sol” é expressão da simplicidade com que enalteceu a grandeza e a liberdade de Deus. Sob o sol de Deus, sua alma se expande em louvor ao sagrado, presente na vida de cada ser. Deus é o Criador e todos os seres dele originados são irmãos e irmãs. Boaventura, teólogo franciscano, assim expressa sua compreensão da existência do cosmos, em sintonia com a fonte criadora:

**Cego** é quem não é iluminado por tantos e tão vivos resplendores na criação. É **surdo** quem não acorda por tão fortes vozes. É **mudo** quem, em presença de tantas maravilhas, não louva o Senhor. É **insensato**, enfim, quem, com tantos e tão luminosos sinais, não reconhece o primeiro Princípio. Abre, pois, os **olhos** e inclina o **ouvido** de teu espírito, **desata teus lábios** e dispõe teu **coração**, para que em todas as criaturas **vejas, ouças, louves e ames** a teu Deus (*Itinerário*, c.1, n° 15 apud DE BONI, 1983, p. 172, grifo nosso).

O “Cântico do Sol”, mais do que expressão poética, é transbordamento da experiência que integra vida e mística, é comunicação e sintonia com a graça do Criador, o qual provê e sustenta a vida em todas as formas e espécies. Por isso, o modo franciscano é de acolhida e de respeito com todo o ser existente.

Em sua compreensão, os seres da natureza, em suas múltiplas e variadas formas de existência, não estão justapostos, isto é, colocados um ao lado do outro. Há uma interdependência dos componentes cósmicos e uma relação que integra a cadeia de sustentação da vida no planeta. Todos estão plenos da vida do seu Criador. Na cosmovisão franciscana, os seres não vivem simplesmente, eles

convivem. A pessoa, como ser criado por Deus, pode fazer a experiência de realizar-se plenamente em sua condição humana. Ela tem a liberdade de escolha e pode conduzir-se pela cordialidade e pelo amor.

O pensamento franciscano, presente em diferentes culturas e países, é também a escolha referencial para o projeto educativo franciscano. Essa escolha justifica-se por sua concepção humanista e por gerar expectativa e possibilidade de realização e desenvolvimento humano. A forma de vida franciscana tem sua história pautada nos bons costumes e no cultivo do saber. Observa-se que o valor do conhecimento está vinculado ao saber. Como refere Francisco de Assis, o estudo serve não unicamente para saber como falar, mas para viver melhor, e aquele que aprendeu, por sua vez, tem o dever de ensinar aos outros para que também sejam felizes. Há, portanto, duplo aspecto do saber: o individual, no sentido de buscar a informação e realizar a construção do conhecimento, para melhor desenvolver a própria condição humana, e o compromisso fraterno/social, ao confirmar que a apropriação do saber seja posteriormente compartilhada, isto é, ao cumprir seu significado, à medida em que o saber é socializado.

## VALORES REFERENCIAIS NA CONCEPÇÃO FRANCISCANA

A seguir, desenvolvem-se algumas considerações sobre os referenciais que identificam o pensamento franciscano e inspiram a compreender a condição humana e o sentido da vida.

**Fraternidade:** a fraternidade está firmada na compreensão de que Deus é Pai e as pessoas são seus filhos e, portanto, irmãos

entre si. Indiscutivelmente, a fraternidade, um valor humano, tem, no sentido franciscano, vínculo na fé. Compreendendo a proposta do Evangelho para a vida cristã, Francisco de Assis percebeu o distanciamento da organização da Igreja com essa proposta. Contrariamente ao costume de grupos religiosos, na época isolados em conventos e mosteiros, sua forma de vida era estar com as pessoas em seu ambiente familiar, de trabalho e na sociedade. Trata-se de uma forma relacional direta e afetiva. Esse relacionamento tem implicações na compreensão da pessoa que, na prática, gera a fraternidade. Ideal de ordem social franciscana, a fraternidade criou uma nova dinâmica relacional: a irmandade. A forma de vida religiosa de estar com as pessoas, como propõe Francisco de Assis, resulta de sua maneira de compreender o evangelho e de acolhê-lo como norma de vida. O tratamento de Francisco de Assis aos seus seguidores é de irmão (*frater!*). Os textos em que ele se dirige aos seus companheiros chamando-os de irmãos são numerosos. Dessa forma, a organização, na vida franciscana, se estabelece sob relações fraternas.

A verdadeira fraternidade leva ao uso fraterno do poder e do possuir. A autoridade é exercida como serviço. Em seus escritos assim se expressa: “Todos se chamem irmãos ou frades menores” (RnB Cap. VI, 2004, p. 170) “Quero que se mostrem filhos de uma mesma mãe [...]. Os livros e outras coisas sejam comuns entre eles sem que ninguém faça violência ao outro para arrebata-los” (II CEL 180, 2004, p. 412-413).

A fraternidade na proposta franciscana, elemento original no contexto da mentalidade medieval, constitui um compromisso a ser

seguido na construção da realidade desejada. Na prática, essa possibilidade apresenta-se como uma realidade imperfeita e, no entanto, deve continuar a ser seguida.

**Saber:** interessa notar que, por muitos anos, se afirmou ser a pobreza aspecto essencial em Francisco de Assis. No entanto, seu poema “Saudações às Virtudes” inicia saudando a sabedoria, rainha das virtudes, reflexo da luz perene. Viver a sabedoria significa seguir o conhecimento das sagradas escrituras. Seu ensinamento refere:

São mortos pela letra os que tão somente querem saber as palavras, a fim de parecerem mais sábios que os outros [...]. São, porém, vivificados pelo espírito das Sagradas Escrituras aqueles que tratam de penetrar mais a fundo em cada letra que conhecem, nem atribuem o seu saber ao próprio eu, mas pela palavra e pelo exemplo o restituem a Deus, seu supremo Senhor, ao qual todo bem pertence (ADM. apud TEIXEIRA 7, 2004, p. 99).

Caballo, ministro geral da OFM (2005), ao se referir à vocação intelectual dos Frades menores hoje, afirma que, historicamente, a vida franciscana se nutriu do trabalho intelectual e o trabalho intelectual a iluminou e sustentou. Recorda que, nos dias atuais, é necessária adequada formação intelectual, condição fundamental para qualquer atividade humana, especialmente para os que se dedicam ao anúncio do Evangelho.

Por sua vez, Bacon (2006), pensador crítico franciscano na Idade Média, posiciona-se contra a ignorância; acredita que pelo aperfeiçoamento na educação e melhoria da cultura se possa chegar à renovação da sociedade. Em sua carta a Clemente IV,

destaca o valor do estudo, não somente para possuir ideias claras e alcançar um espírito sereno, mas também para influir na vida social e moral. E afirma:

[...] enquanto dura a ignorância, não se pode descobrir remédio contra o mal. Por conseguinte, o bem da humanidade depende da sabedoria. A dedicação ao estudo é altamente meritória para si e para os outros, pois o estudo é um meio extraordinário para embelezar a sociedade. Pelo saber, a mente humana se ilumina com ideias claras, supera a névoa da ignorância e incide no bem social e moral dos demais (BACON, 2006, p. 46).

Torna, portanto, evidente que saber não é ter a informação, mas o conhecimento elaborado resulta em saber, o qual contribui para a pessoa viver melhor.

Boaventura entende que a sabedoria é uma conquista construída na experiência existencial, com a graça divina, em vista da felicidade do ser humano. Em sua obra **Itinerário da Mente para Deus**, considera: “Que não venha a crer que baste a leitura sem unção, a atividade sem a piedade, a ciência sem a caridade, a inteligência sem a humildade, o estudo sem a graça divina, o espelho sem luz natural da divina sabedoria” (PRÓLOGO 4 apud DE BONI, 1983, p. 166).

A atividade humana, inquestionavelmente, para a competência profissional, requer capacidade intelectual e competência técnica. Porém, não são suficientes, pois a pessoa necessita de humanidade e esta se conquista pela sabedoria que, por sua vez, independe do conhecimento técnico-científico. As capacidades da pessoa humana, desenvolvidas em consonância com a graça de Deus, a tornam plena e feliz.

**Trabalho:** o conceito de trabalho, na concepção de Francisco de Assis, está relacionado à compreensão cultural da época em que o trabalho manual era considerado tarefa de escravos, enquanto os homens livres gozavam do privilégio de exercerem a atividade intelectual. Francisco de Assis desenvolveu, em seu grupo, novas relações de trabalho. Rompeu parâmetros sociais e contestou, de maneira pacífica, porém com dificuldade, os padrões sociais vigentes. Ele e seus seguidores trabalhavam em ofícios diversos, sempre para a subsistência, ao abrigo de pretensões de competição humana. Sem se proclamar portador da verdade, semeou ideias inovadoras que, como enzimas, fertilizaram uma nova concepção de ser humano e de relações humanas.

O trabalho é uma graça do Senhor. “Os irmãos, a quem Deus deu a graça de trabalhar, trabalhem com fidelidade e devoção” (2RB 51 apud TEIXEIRA, 2004, p. 161). Devem exercer unicamente trabalhos honestos: “Os irmãos que forem capazes de trabalhar, trabalhem. E exerçam a profissão que aprenderam, enquanto não prejudicar o bem de sua alma e eles puderem exercê-la honestamente” (RNB 7.3 apud TEIXEIRA 2004, p. 170). E ainda: “a ociosidade é inimiga da alma” (RNB 7,11 apud TEIXEIRA, 2004, p. 170). Portanto, o trabalho relaciona-se, em seu ponto de origem, com a realização humana, a sobrevivência com dignidade e o compromisso de contribuir para a subsistência. Francisco de Assis expressa em seu testamento: “Eu trabalhava com minhas mãos e quero trabalhar. Eu quero firmemente que todos os irmãos se ocupem num trabalho honesto. E os que não souberem trabalhar o aprendam, não para receber salário, mas por causa do bom exemplo e para afugentar a

ociosidade [...] a fim de que não se tomem um fardo para o povo”. [...] “Não exerçam ofício algum que possa causar escândalo” (TEST. 20-21 apud TEIXEIRA, 2004, p. 189-190).

Na concepção medieval, o trabalho era considerado punição do pecado original. Pensar o sentido do trabalho em sua relação com a subsistência e a realização humana foi expressão de sabedoria e uma atitude inovadora. Essa ideia de Francisco de Assis em relação ao trabalho não tinha em primeiro lugar a visão de muito produzir, senão a de incentivar a desenvolver a dignidade da pessoa e evitar a ociosidade. Não permitia receber dinheiro pelos trabalhos, pois a recompensa/pagamento deveria ter a medida da necessidade de cada um. As atividades ligadas ao comércio, à justiça ou às finanças eram incompatíveis com sua visão de trabalho.

Assim, não condiz com esse ideário a categorização do trabalho, ou seja, a atribuição distinta de valor por trabalho braçal, manual e intelectual, pois o conhecimento não deve constituir elemento de poder. O trabalho, libertado da visão mercantilista e/ou produtivista, facilita a disponibilidade do tempo para a convivência, a comunicação, a música, a arte, todo um mundo de expressões humanas relegadas. Essa atitude encerra um desacordo com o poder opressor do feudalismo e das relações estabelecidas por esse sistema. É um contraponto às relações sociais vigentes e desencadeia nova concepção do trabalho.

**Pobreza/Partilha:** Francisco de Assis teve a experiência de possuir bens e de sentir sua falta absoluta. Introduziu um elemento novo na vida social da Idade Média para o sentido da pobreza: saber repartir. Elemento complementar da fraternidade, a pobreza é entendida como uma postura pessoal de liberdade.

Sua oposição ao poder opressor e sua opção pela partilha dos bens não são atitudes de modismo. Elas constituem expressão de costumes e de manifestações culturais recolhidas por Francisco de Assis da vida do povo. Ele as apreendeu e as traduziu a partir do seu carisma particular: “Todos se esforcem por imitar a humildade e pobreza de Nosso Senhor Jesus Cristo” (RNB 9.1 apud TEIXEIRA, 2004, p. 172). “E não se envergonhou de se tornar, para nós, pobre e peregrino” (RNB 9 apud TEIXEIRA, 2004, p. 172). “A pobreza confunde a cobiça e a avareza” (EV 11) “Onde a pobreza se une a alegria, não há cobiça nem a avareza” (ADM. 27,3 apud TEIXEIRA, 2004, p. 104).

Embora não tenha proposto mudanças para a organização política e social, pode-se afirmar que seu modo de vida contrastou com as relações de poder, de economia e de estrutura social vigentes, as quais se contrapunham à fraternidade e davam sustentação ao feudalismo e à burguesia. A pobreza transcende o sentido de não possuir propriedade e sua equidade. Seus seguidores se desapropriam de bens materiais como da posse individualista de capacidades pessoais. Os escritos franciscanos orientam que “de nada se apropriem, nem casa, nem lugar, nem coisa alguma” (RB 6.1 apud TEIXEIRA, 2004, p. 161). Assim, a partilha dos bens é indissociável da fraternidade, pois, fundamentalmente, a pobreza é, antes de tudo, a capacidade de doar bens materiais ou de dispor em favor do outro as capacidades pessoais.

**Paz:** no cenário pessoal, familiar e social, em que a hostilidade está manifesta e palpável, a proposta de paz é acolhida como um desejo individual e coletivo. O desejo de paz é intrínseco à natureza humana e o cultivo da

espiritualidade é o caminho para a construção da paz. Sua orientação aos que seguiam a anunciar o Evangelho era determinada: “A paz que desejam aos outros, brote espontânea do coração de vocês”. Sua saudação é de paz: “Ao entrarem numa casa, digam, por primeiro, paz a esta casa” (RNB 14,2 apud TEIXEIRA, 2004, p. 175). “Sejam mansos, pacíficos, afáveis” (2RG 3,12 apud TEIXEIRA, 2004, p. 160).

O cultivo da espiritualidade propicia harmonia e equilíbrio para lidar em situações diversas e até adversas. Educa para o domínio da palavra, dos gestos e da ação. O desejo de paz deve estar associado a ações de paz e de bem. Conhecedor da Bíblia, buscou inspiração no livro **Números**, cap. 6, para proferir a bênção: “O Senhor te abençoe, o Senhor te dê a paz”. E o Evangelho expressa: “Anunciem a paz”. Ainda, incentiva ao encorajamento: “A paz esteja com vocês, não tenham medo!”.

A paz não é um sentimento para ser vivido de forma solitária ou individual. Não é possível viver a paz solitária. Sem paz, o desenvolvimento humano e social não se sustenta, da mesma maneira que sem desenvolvimento e justiça não há paz. A paz e o respeito aos direitos humanos são comuns e indissociáveis. Dizem respeito aos outros.

A cultura da paz, intimamente ligada à justiça social, requer mobilização reflexiva e prática do bem. Poderíamos propor a seguinte questão: acaso não é melhor um mundo em que reine a paz e não a guerra? Por certo, custa mais carregar uma zanga do que perdoar uma ofensa.

**Justiça:** Aristóteles, filósofo grego, em **Ética a Nicômaco**, afirma que ética é justiça e a justiça é a virtude central da ética, pois ela

comanda os atos de todas as virtudes. Alerta que a injustiça não é uma parte do vício, mas o vício inteiro. A justiça, portanto, significa aquilo que é legal e aquilo que é igual ou equitativo; e o injusto significa aquilo que é ilegal e aquilo que é desigual ou não equitativo (ARISTÓTELES, 2009, p. 146). E conclui: “A justiça, então, nesse sentido, é virtude perfeita, ainda com a qualificação, a saber, que é exibida aos outros. Eis a razão porque a justiça é considerada como a virtude principal (ARISTÓTELES, 2009, p. 147-148). Desse modo, ela inclui em si todas as outras virtudes morais. Assim, a pessoa justa possui as demais virtudes morais.

O bem civil e jurídico, entendido como o bem da sociedade e ideal de estrutura da justiça e da liberdade, foi, na história da humanidade, defendido pelo direito. A busca do bem intelectual e do bem moral e a defesa da vida digna para o ser humano como criatura de Deus constituem um conhecimento que desencadeia uma práxis e são objeto da teologia.

Na compreensão franciscana, a justiça está relacionada à prática do bem. Deus é a origem do bem: “Deus é o bem, o bem universal, o supremo bem” (**Louvores a Deus**). E, em **Admoestações**, afirma: “Se Deus por ele operar alguma obra boa e ele não a atribuir a si mesmo” (apud TEIXEIRA, 2004), isso é uma atitude justa. A justiça se manifesta, portanto, nas relações interpessoais e concretiza-se, na forma de conduta, no que denominamos ética. A ética supõe relação e somente é possível pensar o ser humano como ser relacional. A relação do saber com a prática da justiça pode despertar a consciência para a busca da verdade, para prática do bem e conduzir a pessoa em seu pensamento e conduta, na justiça e no bem.

No poema “Saudação às virtudes” afirma Francisco de Assis, referindo-se a Deus: “Vós sois a justiça e a temperança”. O desejo de justiça é elemento constitutivo da natureza humana. Desde sempre, as pessoas desejam e empenham-se pela justiça.

**Esperança:** em seu poema “Louvores a Deus”, Francisco de Assis proclama: “Tu és nossa esperança”. “Os que nele esperam não serão desamparados” (NOA 15, apud TEIXEIRA, 2004, p. 147). E, na oração diante do crucifixo, pede a Deus: “... concedei-me uma esperança firme”.

O franciscano Duns Scoto entende a esperança como virtude teologal própria, distinta da fé e da caridade, que confere aspecto particular à existência humana (GHISALBERTI, 1995). É uma resposta adequada à exigência do desejo de felicidade. Esse desejo natural suscita a inquietude e o espírito de busca. A pessoa, impregnada do desejo de plenitude, depara-se com o vazio, o sem sentido e, por vezes, lança-se à procura do efêmero e que tem valor fugaz. No entanto, a busca persistente, no desejo de saciar as aspirações profundas, é movida pela esperança. O ser humano é dotado de desejo, vontade e razão que o colocam no processo de busca. Por isso, nada poderá saciar o ser humano senão o infinito. A esperança é a virtude que anima a pessoa humana em sua busca contínua de superação, no desejo de plenitude.

A esperança encontra sua razão na promessa divina e dá à existência o sentido de transitoriedade. O ser humano vive a história, tem história e faz história; mas se projeta além da história. Essa visão prospectiva suscita o compromisso de participação para a melhoria da realidade presente, na construção do futuro.

A esperança no devir não separa o ser humano do tempo presente. É a partir do horizonte de futuro que o ser humano se insere no presente. E, a partir da esperança, a compreensão de cultura, de sociedade e natureza é interpretada, renovada e transformada.

A esperança no Deus absoluto propicia um caráter de novidade à existência humana, não em sentido utópico, mas de ação transformadora, pois a esperança escatológica supera a utopia humana e tem força suficiente para transformar, no tempo presente, o ódio destruidor em amor construtivo.

A esperança está na raiz da inconclusão do ser humano, a partir da qual ele move seus desejos e sonhos. É busca ativa e decidida, não se expressa pelo gesto passivo de cruzar os braços. O que busca com esperança pode esperar, pois, a qualquer momento, a realidade pode se fazer se ajudarmos para que ela aconteça. A esperança é a atitude de quem não se deixa abater por desencantos nem desanima diante de contrariedades. Impulsiona a transcender obstáculos e a descobrir que, no entremeio da realidade, no desconhecido, com a energia da esperança, o ser humano encontra renovada vitalidade.

**Alegria:** compreende-se a alegria, expressa pelo amor, como coroamento dos componentes da espiritualidade franciscana. A vida franciscana é simples e alegre. São Francisco recomendava aos irmãos a viverem alegres, como pessoas satisfeitas e amáveis (RNB 7, 15 apud TEIXEIRA 2004, p. 171). Como pessoas livres, que interagem com respeito e cortesia. A alegria espontânea brota de uma personalidade psicologicamente equilibrada, reconciliada ontologicamente e livre espiritualmente. Manifesta-se no convívio simples do cotidiano,

coerente com a concepção de pessoa que dirige sua vida em comunicação/sintonia com os demais seres originados do mesmo Criador.

Essa característica pode ser observada em obras de arte que trazem temas do pensamento franciscano, as quais traduzem integração de elementos, cores, formas e harmonia. “Vós sois a alegria e o júbilo” (apud TEIXEIRA, 2004, p. 139-140). O “Cântico do Sol” é um canto alegre. A salvação de Deus é a causa da alegria, os irmãos são motivo de alegria. A natureza e os acontecimentos do dia a dia renavam o sentido de viver e motivam a alegria.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos escritos de Francisco de Assis, um dos mais belos poemas é o “Saudação às Virtudes”, iniciado com o elogio à rainha sabedoria e à sua irmã, a simplicidade. Deseja-se salientar, especialmente, a afirmação: “Quem possuir uma de vós – as virtudes – e não ofender as demais, a todas possui; e quem a uma ofender, nenhuma possui e a todas ofende”.

Esse poema sugere a compreensão de que os valores humanos não se encontram separados nem estanques, mas compõem a pessoa humana em sua integração biopsico-espiritual (apud TEIXEIRA, 2004, p. 187-188):

Salve, rainha sabedoria, o Senhor te guarde por tua santa irmã, a pura simplicidade!

Senhora santa pobreza, o Senhor te

guarde por tua santa irmã, a humildade!

Senhora santa caridade, o Senhor te

guarde por tua santa irmã, a obediência!

Santíssimas virtudes todas, guarde-vos o

Senhor, de quem procedeis e vindes a nós!

Não existe no mundo inteiro homem algum

em condições de possuir uma de vós, sem

que ele morra primeiro.

Quem possuir uma de vós e não ofender  
as demais a todas possui;  
e quem a uma ofender nenhuma possui  
e a todas ofende.  
E cada uma por si destrói os vícios e  
pecados.

Tornar-se-ia longo detalhar considerações a respeito dos valores que expressam a riqueza da espiritualidade franciscana. Francisco de Assis não se cansava de elogiar as prerrogativas do irmão sol, sinal da grandeza do Criador, da água, amenizadora, do vento em sua inapreensível liberdade.

Quando perguntado sobre o ideal de pessoa como referência do ideal franciscano, tomou, para expressá-lo, as atitudes que observava no grupo de irmãos com os quais convivia, confirmando que os valores não são conceitos teóricos, mas se expressam na convivência, cultivam-se no agir e na relação com o outro. Os valores conferem à pessoa sua identidade. Dizia que seria bom frade/irmão aquele que tivesse a vida e a qualidade destes frades: a fé de frei Bernardo; a simplicidade e a pureza de frei Leão; a cortesia de frei Angelo; o aspecto gracioso e o senso natural com a conversa agradável e devota de frei Masseu; a mente elevada em contemplação que frei Egidio teve em máxima perfeição; a virtuosa e constante oração de frei Rufino; o vigor corporal e espiritual de frei João di Lodi; a caridade de frei Rogério; e a solicitude de frei Lucídio (2EP 85 apud TEIXEIRA, 2004, p. 1080-1081).

Ao considerar os fundamentos constitutivos da espiritualidade franciscana, destacam-se: o respeito, a fraternidade, o trabalho, a justiça, a esperança, o amor, entre outros. Impossível referir-se a um elemento separadamente. A fragmentação ofuscaria seu valor e sua

essência. Porém, em consonância com os demais, encontram significado e sentido.

Nesse ponto, chega-se ao aspecto educativo. Educar tem sua origem em *educere*, cultivar e revelar a partir da interioridade de cada um. Arendt, em **Entre o passado e o futuro**, afirma que “não é possível educar sem ao mesmo tempo ensinar: uma educação sem ensino é vazia e degenera, com grande facilidade, numa retórica emocional e moral. Mas, podemos facilmente ensinar sem educar e continuar a aprender até o fim dos nossos dias sem que, por essa razão, nos tornemos educados [...]” (ARENDA, 2007, p. 246-247). Assim, compreende-se o cultivo dos valores humanos mediante a espiritualidade; nesse caso, a espiritualidade, fundamentada na concepção evangélico-franciscana, é um caminho de realização e de plenificação. No entanto, como a busca do conhecimento requer contínuo aprofundamento nas raízes do saber, a educação exige, de cada pessoa, escolha e decisão.

## REFERÊNCIAS

- ARENDA, H. **Entre o passado e o futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa de Almeida. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução Edson Bini. 3. ed. São Paulo: Edições Profissionais, 2009.
- BACON, R. **Pensamento Franciscano**. Obras escolhidas. Porto Alegre: EDIPUCRS; Bragança Paulista: EDUSF, 2006 (v. VIII).
- CABALLO, J. R. **O sabor da palavra**. Roma: Já per Ufficio Comunicazioni, 2005.

DE BONI, L. A. (Org.). **São Boaventura.**  
Obras Escolhidas. Caxias do Sul: Livraria  
Sulina/Ed. UCS, 1983.

GHISALBERTI, A. **Giovanni Duns Scoto:**  
filosofia e teologia. Milano: Edizioni Biblioteca  
Francescana, 1995.

TEIXEIRA, C. M. (Org.). **Fontes Franciscanas  
e Clarianas.** Petrópolis: Vozes/FFB, 2004.